

A lagartinha que queria voar

Eveline Alves



Ilustração
Alexandre Mercês

 **Fábrica**
de Invenções

**A lagartinha
que queria
voar**

Eveline Alves

Ilustração
Alexandre Mercês

Autora
Eveline Alves

Editora
Fábrica de Invenções Produtora

Ilustração
Alexandre Mercês

Projeto
A casa das histórias

Revisão
Marcos Toledo

Incentivo cultural
**Prefeitura do Recife - Edital Recife
Virado na Cultura 2022**

Projeto gráfico e diagramação
Dilci Monteiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Alves, Eveline

A lagartinha que queria voar (livro eletrônico) / Eveline Alves;
ilustração Alexandre Mercês. – Recife, PE: Ed. da Autora, 2022.
PDF

“Recebeu apoio cultural do Edital Recife Virado na Cultura, do
Município do Recife/PE”

1. Literatura infantojuvenil 2. Pernambuco
I. Mercês, Alexandre. II. Título.

22-108037

CDD-028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Índices para catálogo sistemático:

1. Pernambuco: Literatura infantil 028.5
2. Pernambuco: Literatura infantojuvenil 028.5

Todos os direitos reservados. Os direitos de edição desta obra pertencem à autora e à Fábrica de Invenções Produtora. Reprodução, duplicação, apropriação, arquivamento ou transmissão desse e-book estão proibidos, no todo ou em parte, por qualquer forma ou meio (eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de banco de dados, distribuição na web, entre outros), sem a autorização expressa e por escrito dos detentores do copyright.

Fábrica de Invenções Produtora
Tel.: (81) 9.9573.1752
E-mail: fabricadeinvencoes.produtora@gmail.com
Instagram e Facebook: [@fabricadeinvencoes.produtora](https://www.instagram.com/fabricadeinvencoes.produtora)



Dedicatória

**Ao meu filho Martin, minha fonte de
inspiração, minha motivação diária, minha
régua, minha medida exata
e o amor da minha vida.**

**E aos meus pais, Carmélia e Vandeildo,
meu solo, minha base, minhas raízes
e minha essência.**

Agradecimentos

A Martin, por me inspirar e, do alto dos seus nove anos, avaliar o texto me dando a medida e a temperatura certa da história.

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo.

Aos meus professores que nos caminhos da vida, da escola e da universidade, despertaram em mim o prazer de escrever.

A minha equipe, por haver acreditado neste projeto, pela confiança e pelo empenho de cada um.

No pomar da vovó morava uma lagartinha medrosa, frouxa, frouxa, que vivia sozinha pelas folhas das árvores. Levava a vida a rastejar de um lado para o outro.

De lá de baixo, em meio às queixas e reclamações, ela olhava os passarinhos voando alegremente e ficava doidinha zoró para estar com eles. Achava massa aquela liberdade toda. Os pássaros também olhavam a lagartinha lá de cima, sabendo que logo, logo ela estaria voando com eles. Enquanto ouviam a reclamação da verdinha os outros bichinhos do pomar sorriam e diziam:

– Fique peixe que seu dia vai chegar. Um dia você vai voar com os pássaros.



Aperreada com aquela conversa, ela respondia:

– Nunca vou aprender a voar, nunca vou chegar lá em cima. Sou muito **pixota**, desajeitada, não posso chegar ao céu. Tenho medo de levar um **baque**. Vou passar toda minha vida rastejando pelas folhas...

Os amigos insistiam:

– Você só vai ter que se esforçar muito e deixar de ser medrosa e preguiçosa.

Confie em você!

A lagartinha não entendia. Achava-se muito **mal-amanhada**. Era impossível voar com tantas perninhas. Com todos aqueles **cambitinhos**, ela se atrapalhava até para andar, coitadinha. Tropeçava nos próprios pés. Além de medrosa, tinha ali uma **tulha** de preguiça.

Passou a vida todinha reclamando, criando problema e pedindo ajuda para tudo o que precisava fazer. Tudo era tão difícil. Ô **nó cego**! Só sabia dizer que nunca iria **rolar**, mas também nunca tentava fazer nada. Só reclamava. Olhava o problema e reclamava. Mas não tentava resolvê-lo. E empurrava com a barriga todas suas tarefas, fáceis ou difíceis.



A coruja, que todo comecinho de noite aparecia para comer as pequenas frutas maduras do pomar, dizia todo santo dia para a lagartinha começar a pensar em seu primeiro voo. Só assim, planejando-se, poderia ganhar confiança. Era a única solução se quisesse alcançar o céu.

– Tem que planejar. Sem organização você nunca vai conseguir fazer nada – dizia a mestra.



A lagartinha era mesmo muito medrosa. Tinha medo até de descer das folhas para andar no caule das plantas. Ficava sempre paradinha. Quando **carecia arrodar** o pomar para ir para outra plantinha de folhas mais verdes era um verdadeiro **nopró**. Só chorava e reclamava:

– Seria tão bom se eu voasse... Chegaria mais rápido. Mas eu nunca vou conseguir voar. Meu destino é rastejar por toda a vida.



Dona coruja, que tudo observava, desenrolada e braba que só ela, respondia energicamente: — Borboleta não rasteja.

Mas a lagartinha não entendia o que ela queria dizer com aquelas palavras. Como era problemática e cheia de pantim aquela verdinha.



Um dia, toda **borocoxô** e cansada de protestar, nossa amiguinha decidiu ir dormir. Foi aí que uma estranha membrana começou a se formar sobre ela. Medrosa como era, tentou evitar aquilo. Mas não podia.

A coruja, que **bisoiava** atenta, falou que estava tudo bem. Não precisava ter medo. Aquilo era normal.

Normal? O que era normal? Nunca na vida aquilo havia acontecido. Então não poderia ser normal.



A coruja explicou que aquilo rolava apenas uma vez na vida das lagartas, que era uma transformação chamada metamorfose e que depois nunca mais a lagartinha seria a mesma. Afinal a vida não volta para trás, não é mesmo? E, como dizia a coruja, "borboleta não rasteja". Começaria ali o novo normal da medrosa lagartinha.



Apavorada, sem saber o que estava acontecendo, com medo do que não conhecia e sem coragem para enfrentar aquela situação desafiadora, a lagartinha começou a chorar. Chorou, chorou e de tanto chorar, cansada, enfim adormeceu.



Uns dias depois acordou um tanto incomodada.
Estava muito **acochado** ali dentro. Então ela lembrou-se
daquela membrana **invocada** que havia começado a lhe
envolver há uns dias.



Como estava escuro! E era tão difícil se bulir lá dentro.

– Nossa, eu não havia dado fé de estar tão apertado aqui dentro – pensou.

A lagartinha viu que a única solução seria pedir ajuda.

De lá de dentro gritou já se esgoelando:

– Ei, tem alguém aí fora? Ajuda aqui!



- Ajuda? – disse a coruja, que já observava a cena há algum tempo.
- **Avalie só! De jeito maneira!** Por que você não se esforça para sair daí sozinha? Você não **carece** de ajuda não. **Desenrole** sozinha!

Sem motivação e com dó de si mesma, a lagartinha foi logo dizendo que não conseguiria.

- Mas você tentou? – perguntou a coruja.
- Não – respondeu a chorona.
- Então tente – insistiu a professora.

Ah, sim! Já estava esquecendo de dizer: as corujas são conhecidas em todo o reino da bicharada por serem excelentes professoras.



Mas aquela lagartinha... Que folgada! Dona coruja sabia que não poderia ajudá-la. A danada precisaria sair dali sozinha. Seria necessário criar coragem e ter iniciativa para fazer as coisas se quisesse conseguir algo na vida. Já era hora de aprender a tentar!

A professora até poderia ajudar e, com o bico, abrir a casquinha do casulo que prendia a lagartinha. Mas ela sabia que se fizesse isso a amiga nunca aprenderia o que mais queria. Você lembra qual o grande sonho da lagartinha?

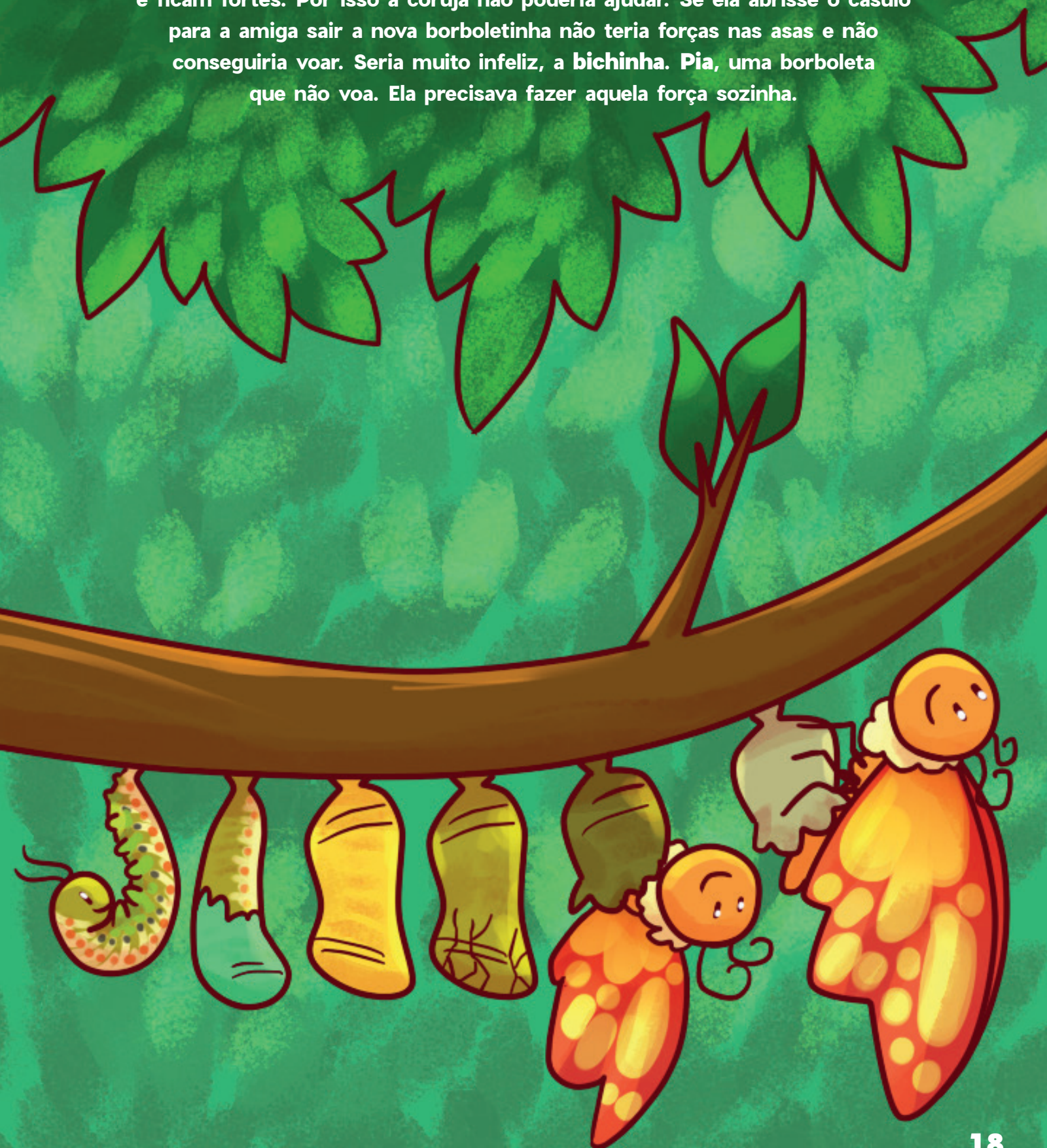


**Isso mesmo! Ela queria voar. Mas lagarta voa? Voa.
Voa sim! Mas só depois que sai do casulo. Porque aí
ela vira uma linda borboleta. Você sabia que é assim
que nascem as borboletas?**



Elas vão dormir lagartinhas, dentro do casulo, e acordam com grandes asas coloridas. Por isso fica tão **acochado** lá dentro. Não há espaço para as asinhas.

E elas crescem ainda mais. Precisam crescer para a borboleta poder voar. E só fazendo muita força para abrir a casquinha é que as asas se desenvolvem e ficam fortes. Por isso a coruja não poderia ajudar. Se ela abrisse o casulo para a amiga sair a nova borboletinha não teria forças nas asas e não conseguiria voar. Seria muito infeliz, a **bichinha Pia**, uma borboleta que não voa. Ela precisava fazer aquela força sozinha.



Mas com a gente também acontece algo parecido, sabia? Quando somos **pirralhos** às vezes precisamos nos esforçar muito para aprender coisas novas. Só assim conseguimos crescer sabidos.

A professora coruja também queria dar uma lição na futura borboleta. Ô lagartinha pessimista e **cabulosa** essa, hem? A coruja nada mais falou. Só observava e pensava: – **Eita**, essa aí é **de rosca** mesmo. Em seguida, resolveu incentivar a amiga mais uma vez: – **Força!** Você consegue. Foi feita para isso. Todas vocês conseguem e com você não será diferente.

Cabreira, a lagartinha gritou lá de dentro:



**Consegue
o quê???**

Sem dar um pio, a coruja bateu asas e lavrou. A lagartinha, ouvindo a zoadada das asas da mestra, deu fé que estava sozinha e ficou desesperada.

E se viesse um bicho grande e comesse lagartinha, casulo e tudo? Os pensamentos ruins chegaram antes dela conseguir pedir ajuda mais uma vez. Mas uma coisa era certa: Ela tinha que sair dali de qualquer jeito. E rápido.



Motivada pelo medo que estava sentindo, a verdinha agiu rápido como um raio. Fez uma força do **créu**, como nunca havia feito em toda sua vida. Mas fez tanta força, tanta força, que logo se ouviu um crash! Era a parede do casulo, fininha, fininha, que havia **torado**.



Ué, mas se é tão fininha, porque a lagartinha não conseguia abri-la?

Primeiro, porque ela não tentou. Ficou só reclamando e esperando que alguém fizesse por ela. Depois, porque tão delicada quanto a parede do casulo eram as asas coloridas de nossa amiguinha! Lindas! Amarelas com cor-de-laranja. E eram fortes **que eram danadas**, viu?! A lagartinha nem imaginava que era com as asas que estava fazendo aquela força toda. Apenas percebeu que as tinha quando o casulo finalmente foi rompido e ela pôde, devagarinho, **espichar** aquelas belezuras!



Devagar, devagar, esticou suas asas, ainda sem entender o que estava acontecendo, até conseguir abri-las totalmente e bater aquelas lindezas coloridas. Naquele momento ela compreendeu tudo. Deu fé que poderia voar e finalmente realizaria seu sonho de estar no céu junto aos pássaros. Só aí ela percebeu que havia passado parte de sua vida apenas reclamando em vez de aproveitar e viver cada dia do jeito mais feliz que pudesse.



A coruja, que bisoiava de longe o tempo todo, aproximou-se e disse:

– Seu tempo de lagarta acabou. Agora use suas asas e voe como a borboleta que você é!

A lagartinha, digo, a agora borboleta, voou. No começo um pouco mal-amanhada, claro. Ainda não havia aprendido as manhas de voar. Mas só por poucos segundos, pois logo se lembrou da lição da professora coruja e esforçou-se para aprender rápido. Num piscar de olhos, a lagar... eh... a borboleta estava plena, linda, ensolarada, voando entre os pássaros, que, por sua vez, reconheceram-na e cantaram lindamente para saudar a mais nova colega de céu.



Glossário

Acochado – apertado

Aperreada – preocupada, agoniada, nervosa

Arrodear – dar a volta

Avalie – interjeição equivalente a: imagine, veja

Baque – queda

Bichinho(a) – forma carinhosa de chamar alguém

Bisoiar – observar

Borocoxô – triste

Braba – brava

Bulir – mexer

Cabreira – desconfiada

Cabulosa – chata

Cambitinhos – perninhas finas

Carecer – precisar

Créu – quando algo é muito difícil.

Ex: Fez uma força do créu. Fez muita força.

Dar fé – perceber

Desenrolada – esperta

Desenrolar – dar um jeito, virar-se

De jeito maneira – de jeito nenhum

De rosca – algo difícil de fazer

Dó – pena, piedade

Eita – exclamação

Espichar – esticar

Fia – corruptela de Filha

Ficar peixe – ficar tranquilo

Frouxa – medrosa

Invocado – diferente, estranho

Lavrar – ir embora

Mal-amanhada – Sem jeito (fala-se: “malamanhada”)

Manha – astúcia, jeito, habilidade

Massa – muito bom

Nó cego – problema difícil de resolver, pessoa difícil

Nopró – confusão

Pia – corruptela de espia

Pirralhos – crianças

Pixota – pequena

Rolar – acontecer

Se virar – dar jeito em alguma coisa

Sem dar um pio – ficar calado

Ser forte que ser danada – ser muito forte (usado com qualquer adjetivo para intensificá-lo)

Ter pantim – ser melindroso, reclamar de tudo

Torar – partir

Tulha – muita coisa (fala-se: “tuia”)

Zoadá – barulho

Zoró – enlouquecido, desorientado



Eveline Alves

Jornalista e produtora cultural, a escritora pernambucana descobriu-se contadora de histórias após a maternidade. A criatividade aflorou quando se viu inventando histórias para explicar ao filho coisas sobre o mundo. Muitas vezes a motivação partia dele, com perguntas ou situações cotidianas. Foi inspirada no amor pela cria que ela inventou personagens, escreveu contos, elaborou projetos, criou um festival infantil, uma banda com sotaque regional e contou histórias. Por isso que, entre tantas atividades que desenvolveu ao longo da carreira e da vida, quando alguém pergunta qual é sua profissão, ela resume todas em uma, que origina e dá sentido a tudo: Sou mãe de Martin.

Projeto



Este livro conta a história de uma lagartinha medrosa e muito preguiçosa que queria voar, mas se achava incapaz de realizar seu sonho. Pequena e atrapalhada, só sabia reclamar, não se dedicava a nada e vivia pedindo o apoio de todo mundo para resolver seus problemas. Você acredita que até na hora de virar borboleta ela pediu ajuda para sair do casulo? Foi então que a coruja resolveu dar-lhe bela uma lição e ensinar-lhe que sem dedicação e coragem ninguém consegue nada na vida.

Realização:



Apoio Cultural:



Secretaria de Cultura



ISBN: 978-65-00-43345-6

